

RUI ANDRADE E CÁTIA TAVARES SÃO PROTAGONISTAS DE WEST SIDE STORY

Casal Romântico de “Um Violino no Telhado” é novo Romeu e Julieta de La Féria



São Chava e Fyedka mas serão os protagonistas da nova aposta de Filipe La Féria. São jovens e carregados de sonhos. O casal romântico de “Um Violino no Telhado” saltará brevemente para os palcos de Lisboa para darem vida aos próximos “Romeu e Julieta” de Filipe La Féria. Em West Side Story os jovens actores viverão os papéis das suas vidas. Ele, 23 anos, saudosista e profissional, vê na ida para a capital uma oportunidade irrecusável. Ela, 19 anos, jovem e apaixonada pela televisão não nega a paixão por Lisboa onde até já tem uma casa para viver. Rui Andrade e Cátia Tavares estiveram à conversa com o Audiência na recta final da sua permanência no Porto e nos palcos de “Um Violino no Telhado”. Em breve, as notas serão outras. West Side Story parece sorrir-lhes do sul do país e os sonhos parecem, aos poucos, com mais ou menos luta, tornarem-se pura realidade.

Por Cristiana Maia e
Ferreira Leite

Estão ligados ao mundo da música desde muito cedo. Como é que a música entrou nas vossas vidas?

Cátia Tavares - Eu estudo a música desde os três anos, na Academia de Música de Vilar do Paraíso. Tive aulas de dança clássica, ballet clássico e iniciação musical. Comecei por tocar órgão, depois piano e, finalmente, flauta transversal. Tinha também aulas de classe de conjunto. Eu acabava a escola e ia directa para a Academia.

Cinco dias por semana?

CT - Às vezes até seis. Só não ia ao domingo. O sábado, normalmente, era o dia dos ensaios do coro infantil. E então essa era a minha vida. Eu adorava e adoro a música. A partir daí foi sempre a evoluir.

Rui Andrade - Eu comecei na música oficialmente aos oito anos, embora já cante desde muito pequenino em casa. Mas comecei a participar em festivais aos oito anos. Iniciei as aulas de formação musical também com

É difícil trabalharmos na nossa área e não me refiro só ao teatro musical. Refiro-me à música, que é o que eu realmente ambiciono. Sempre ambicionei ter uma carreira a solo, em meu nome. E a televisão é, de facto, o meio mais fácil para chegarmos a essas pessoas - Rui Andrade

essa idade e as aulas de canto um pouco mais tarde. Este gosto fazia-me procurar todas as vias possíveis para fazer uma carreira. Por isso, eu ia a festivais, espectáculos, programas de televisão. Foi por aí que começou o meu envolvimento e foi este gosto que me fez lutar e chegar até aqui.

menos o atraí?

RA - Sem dúvida, porque acho que a produção se preocupa demasiado em atingir os seus fins. Nós somos apenas os concorrentes. Vamos para lá com sonhos e expectativas, algumas realizam-se e outras não, devido a esse tipo de “jogadas”.

Televisão: Amor ou ódio?

Os programas de televisão são uma realidade que ambos já viveram. A televisão atraí-vos?

RA - A televisão atraí-me, de certa forma. Nem toda a televisão me atraí. Concorri ao programa “Ídolos” e esse foi o programa com maior impacto onde participei. Atingi o 11º lugar entre nove mil concorrentes, o que foi extraordinário para mim principalmente porque tinha 18 anos e não estava muito habituado àquele mundo. Mas esse mundo não me fascinou porque acho que havia muitas jogadas televisivas, o que interferiu obviamente com o resultado final. Não quero dizer que me tenha sentido injustiçado com o lugar em que fiquei, muito pelo contrário. Fiquei onde o público, supostamente e segundo o que me dizia a produção do programa, me levou. Mas há outro lado, na televisão, que me seduz sim porque a televisão é sem dúvida o meio mais fácil de chegar às pessoas. É difícil trabalharmos na nossa área e não me refiro só ao teatro musical. Refiro-me à música, que é o que eu realmente ambiciono. Sempre ambicionei ter uma carreira a solo, em meu nome. E a televisão é, de facto, o meio mais fácil para chegarmos a essas pessoas.

As “jogadas” que diz ter sentido na televisão são o que

Como é que surgiu a série “Chiquititas” na sua vida?

CT - É muito diferente gravar uma novela a participar num programa. Não há aquilo a que se chama “competição”. Eu posso dizer que me apaixonei por televisão. Eu era a primeira a dizer que nunca na vida queria televisão. Eu disse estas palavras! Mas entrei e apaixonei-me completamente. É uma adrenalina todos os dias, trabalha-se imenso, são-nos efectivamente do corpo! São muitas horas, mas eu gosto muito de trabalhar sobre pressão. Fiquei fascinada! Por outro lado, todos os dias temos que inventar um sorriso, um choro, um sentimento diferente para a nossa personagem, porque a personagem vai evoluindo ao longo do tempo. Há um trabalho de casa muito grande. Tive também muita sorte com os colegas e com a produção do programa.

Mas o que é que a fez passar do ódio ao amor à televisão?

CT - O que me apaixonou neste projecto foi o facto de as “Chiquititas” conciliarem o canto, a dança e a representação. São as três coisas que eu mais adoro fazer na vida. O facto de ser transmitido em televisão é uma experiência nova e pensei que seria uma oportunidade de fazer as três coisas de que mais gosto mas em televisão. Da primeira vez que olhei para o perfil da minha personagem apaixonei-me.

Audiência

Eu sou uma apaixonada por tudo o que me rodeia e a Julieta também é um pouco assim. Acho que tenho o meu lado de Julieta - Cátia Tavares

Que ensinamentos trouxeram da televisão que possam adaptar ao teatro musical?

CT - O espírito de equipa, o ter de se responder de imediato àquilo que nos pedem, como o ter que gravar uma cena em três minutos. E isto só nos dá um enorme traquejo. Por outro lado, o facto de decorar textos. É uma maravilha porque, de cinco em cinco minutos decoramos textos diferentes e depois é muito mais fácil decorá-los para o teatro.

RA - O que eu guardo de bom da televisão foram também os colegas que eu encontrei, bons amigos com os quais acabei por perder o contacto depois do programa. Mas um ou dois anos mais tarde tornei a encontrar-me com uma grande amiga que hoje é uma das pessoas que mais me apoia. Por outro lado, também o reconhecimento e o acreditar no público. Primeiro, temos que ser fiéis àquilo que estamos a fazer e temos que dar o máximo para que o público se acredite em nós. É que, quando saímos de um programa como o "Ídolos", estamos numa posição muito estranha. Quando sai do "Ídolos", era caloiro na faculdade. Encontrava pessoas na rua que me conheciam e, ao contactar com essas pessoas, mesmo com outros colegas, encontrava neles uma frieza que eu achava não ser normal. Porque se há alguém a quem devemos esse reconhecimento é ao público. A outra ideia com que sai do programa foi a de que me devo calar sobre aquilo que vejo e ouço.

Sentiu frieza por parte do público?

RA - Não. Sentiu frieza por parte dos meus colegas perante o público.

"Gostava de ter sido Jesus Cristo"

Em que momento é que se deu o salto para o Teatro?

RA - Depois do "Ídolos", participei num programa que consistia na escolha de uma pessoa para cantar com a Rita Guerra no Coliseu dos Recreios. Eu fui o escolhido. Fiz com ela esse espectáculo e outros da tournée. Até chegar a altura em que estavam a fazer, pela Academia de Música de Vilar do Paraíso e

a Beat Genesis, uma audição. Eu não soube dessa audição. Mas, num concerto em Amarante que realizávamos todos os anos, houve uma pessoa que me achou indicado para fazer esse papel. Fiz o casting, embora não soubesse ainda qual seria o espectáculo. Mais tarde fiquei a saber que era o "José e o Deslumbrante Manto de Mil Cores" que esteve em cena no Coliseu do Porto e no Teatro Gil Vicente, em Coimbra. Sei que comecei logo por cima como personagem principal mas também não foi um problema no caso do Jesus Cristo. Fazer o Jesus Cristo Superstar foi, para mim, um sonho. Tinha os meus objectivos e as minhas expectativas quanto ao papel que gostaria de ter, como toda a gente tem. Eu gostava de fazer de Cristo mas tinha a noção, porque já mo tinham dito, que era muito novo para o fazer e que não tinha experiência de vida para o fazer. Foi essa a resposta do La Féria, embora ele me tenha abordado para esse papel. Interpretei um dos apóstolos e não estou nada arrependido, muito pelo contrário. No West Side Story serei um protagonista.

CT - Eu comecei aos nove anos pela AMVP, no espectáculo "O Rei Leão" onde interpretei o papel de Nala. Depois entrei em "Godspell", "O Aladino", "Scents of Light", "Feiticeiro de Oz", "Musicais.com" e o Concerto da Missão Sorriso. Aos nove anos participei pela primeira vez num concurso, "Os Principais" da RTP. Achei muito engraçado mas a televisão continuava bem distante para mim.

A aproximação à televisão foi mais rápida do que esperava?

CT - Muito mais rápida. Nunca pensei aproximar-se, por isso quando aconteceu foi uma surpresa total para mim. O meu pai diz-me muitas vezes para eu nunca dizer "nunca" a partir de agora.

WEST SIDE STORY

"É o papel da minha vida"

Já pensou o que é ser protagonista de um espectáculo de La Féria?

CT - Não, ainda não pensei muito sobre isso.

Como é que recebeu a notícia?

CT - Fiquei completamente sem palavras. A primeira reacção foi ficar de lágrimas nos olhos. Muito feliz mesmo. Não estava nada à espera. O West Side Story foi o primeiro musical que eu vi, com uma companhia estrangeira. Ficou sempre num patamar muito acima daquilo que eu pudesse alcançar. Para mim era completamente surreal conseguir.

La Féria tem razão quando diz que o público vai ficar estarecido com a sua actuação?

CT - Eu espero que sim. É uma responsabilidade muito grande e eu es-

pero realmente não desiludir. Eu quero estar a cem por cento para este papel. Eu penso que este musical é o "Romeu e Julieta" numa versão mais moderna, em que qualquer outra personagem é fundamental e está muito presente na história.

Sente-se uma Julieta?

CT - Eu sou uma apaixonada por tudo o que me rodeia e a Julieta também é um pouco assim. Acho que tenho o meu lado de Julieta.

RA - No meu caso, o West Side Story já vem de há mais tempo. Na recta final do Jesus Cristo Superstar aqui no Porto, o senhor Filipe perguntou quem é que queria ir para

Lisboa e quem é que queria ficar. A mim, não me deu hipótese. Disse que precisava de mim aqui, para crescer como actor para ser protagonista de uma próxima peça. Fiquei, obviamente, felicíssimo mesmo sem saber qual era. Começou a falar-se que seria o West Side Story. Acabei por saber do convite oficialmente pelo jornal. Mas o Filipe já me tinha dito, algumas semanas antes, que me queria convidar para esse papel. Ele perguntou-me se eu teria força para o fazer e eu disse que sim e que tinha a certeza de que não o iria desiludir.

Não teve medo que ele mudasse a sua palavra?

RA - Não.

Confia, portanto, nele a cem por cento...

RA - Confio. A escolha dos personagens depende de muitos factores mas acho que o La Féria tem um olho clínico.

É um bom actor, então...

RA - Não considero que seja um bom actor. Isso cabe ao público dizê-lo. A verdade é que eu não tenho qualquer formação como actor e aquilo que sei devo-o ao Filipe La Féria. Ele é das pessoas mais cultas que eu conheço. É quase impossível dizer isto, mas ele é das únicas pessoas com quem eu acredito que se consiga aprender todo os dias.

Há um brilho nos vossos olhos quando falam no convite de La Féria...

CT - Eu terei sempre esse brilho quando se falar nesse assunto. Não estava mesmo nada à espera do convite até porque a minha entrada nesta companhia foi há pouquíssimo tempo.

Vai-se refugiar no estrelato ou continuar a ser a mesma pessoa?

CT - Os meus pais têm os pés muito assentes na terra. E se, por algum momento, eu pudesse estar a pensar tirar os pés do chão, eles são as pessoas que me agarram e me empurram para a terra.

Os seus pais são o seu modelo de vida?

CT - Sem dúvida. São as pessoas que mais me apoiam, mais me ouvem e mais me ajudam. Eu sei que enquanto os tiver por perto, serei sempre a Cátia que toda a gente conhece. E fico muito feliz quando me dizem que



FILIFE LA FÉRIA

"Ele é das poucas pessoas com quem se consegue aprender todos os dias"

Como é que é trabalhar com Filipe La Féria?

CT - Eu acho fantástico. É uma escola enorme. Eu gosto muito que me digam o que é que eu tenho que fazer exactamente. Em "Um Violino no Telhado", o senhor Filipe deixou-me criar um bocadinho a minha personagem e acho que o meu papel não ficou muito longe daquilo que ele pretendia. Do pouco que trabalhei com ele, só posso dizer que estou a adorar. Estou ansiosa para começar o novo musical.

eu continuo na mesma. E essa é uma frase que eu, felizmente, ouço muitas vezes.

Quando subir ao Politeama, na noite de estreia, o que é que vai sentir?

CT - Nesse momento vou querer ser a Cátia de sempre, com um sorriso nos lábios. Esse dia vai ser inesquecível. Para já, quero concentrar-me nos ensaios e no trabalho e, depois, o que vier é sempre bom.

Vai custar entrar em palco nessa noite?

RA - Não. Eu já conto os dias.

Está, então, muito confiante...

RA - Estou, sem dúvida. Esse é o papel da minha vida. Vendo o filme, é o papel que mais se adequa comigo. O José [e o Deslumbrante Manto de Mil cores] foi um papel extraordinário. O José era o mais bonito dos doze irmãos, era muito engraçado e encheu-me as medidas, sem dúvida. Mesmo após os espectáculos que fiz com o Filipe La Féria, o José [e o Deslumbrante Manto de Mil cores] ficará sempre guardado no meu coração principalmente porque tinha 318 crianças em palco e o rosto de muitas passa-me pela ideia várias vezes. É fantástico começar o espectáculo no meio de tantas crianças. Elas estavam ali a ajudar-me e, de cada vez que eu falei com elas, pude agradecer-lhes por fazerem do meu José aquilo que ele foi. É a elas que eu lhes devo isso. No West Side Story, o Tony é o papel da minha vida. Identifico-me a mil por cento por ele: sou muito terra-a-terra, venho de uma família muito humilde e também tenho os meus pais como ídolos e maiores amigos. O Tony é muito simples. Ele é o meu retrato. Se calhar é daí que vem a minha confiança, para além de em termos musicais ser a minha praia. Todo o personagem me fascina.

Sentem que têm tido sorte na área do espectáculo?

CT - Sem dúvida que tenho tido muita sorte.

RA - Eu acho que tenho lutado imenso. Se aqui no Porto é difícil, em Amarante é muito mais difícil ter sucesso na área do espectáculo. Mas não me queixo muito. Fui a vários festivais, fui ao "Ídolos". Não ganhei o "Ídolos" mas ganhei a Rita Guerra. Todas as minhas experiências me trouxeram pessoas e conhecimentos que me podem ajudar no futuro

e, nesse aspecto, acho que tenho tido sorte. Tenho lutado muito e tenho trabalhado imenso para conseguir essa sorte.

CT - Acho que, às vezes, tudo passa por estar no sítio certo à hora certa. Isso também é sorte.

Como é que aparece a irmã, Mafalda Tavares, na mesma peça e no mesmo papel que Cátia Tavares?

CT: Eu estou no "Um Violino no Telhado" graças à minha irmã e nunca pelo contrário. A minha irmã já trabalha com o senhor Filipe desde o "Música no Coração" e foi ela quem foi convidada para fazer o papel de Chava. Isto só aconteceu pelo facto de ela ter que faltar às aulas para fazer os ensaios o que, em termos de educação, nunca foi muito apoiado pelos meus pais. A minha irmã tem treze anos. Surgiu, então, a hipótese de, como eu estava a acabar as "Chiquititas", ser ouvida pelo senhor Filipe e dividir o papel com a minha irmã. Eu passei a ir aos ensaios da tarde. À hora do jantar explicava-lhe o que tínhamos feito e à noite fazia ela. Isto prolongou-se enquanto ela esteve em aulas e as coisas, felizmente, correram muito bem. Fui sempre eu a substituí-la da minha irmã e nunca o contrário. O papel é dela e vai ser, finalmente, delegado só a ela. Não foi a minha irmã que apareceu, mas sim o contrário.

Em "Um Violino no Telhado" vivem um romance. Esse romance vai ser transferido para Lisboa numa outra peça. É coincidência ou será que a vossa extraordinária representação aqui no Porto levou



FUTURO

Música? Sim. Teatro? Quem sabe.

Como se afigura o futuro, depois do West Side Story?

RA: Eu imagino-o e sonho-o na parte musical. Vou fazer o West Side Story, em Lisboa, com toda a minha força mas, no que eu puder, vou continuar a lutar por esse sonho. Quem me dera poder fazer as duas coisas.

Há projectos que ficaram interrompidos quando entraram no Teatro. O Rui, o curso de Engenharia Geotécnica e Geoambiente e a Cátia o 12º ano por concluir... São projectos postos de parte?

RA: Esse projecto não está posto de parte. Quando comecei com "O Príncipezinho" tomou-se incompatível permanecer na faculdade. Ainda paguei o ano inteiro de propinas mas acabei por não pôr lá os pés. Esse projecto vai ficar adiado. Se eu consegui congelar a matrícula para mais tarde, muito bem, porque ser engenheiro era um gosto que eu dava ao meu pai. Não quero dizer que ele não me apoie na área musical. Pelo contrário, é o primeiro a apoiar-me. Era ele quem me enviava as músicas para os concursos e procurava os festivais para eu participar, quando eu era mais pequeno. Se eu estou aqui, devo-o muito a ele.

CT: Eu tenho a Academia para acabar. Quero muito fazer licenciatura e mestrado na área de canto ou teatro musical. A minha vida estava planeada para acabar o terceiro ano da Academia, fazer as provas de Londres para teatro musical. Entretanto, tudo se alterou e não sei se algum dia vou poder fazer esse curso.

La Féria a considerar-vos o casal ideal?

CT - Se isso aconteceu é óptimo. Eu tenho muita sorte em ter o Rui como parceiro de cena porque ele é uma pessoa fácil de trabalhar e exigente. Tenho sorte e, se calhar, foi isso que levou o senhor Filipe a achar que pudesse funcionar.

RA - Os piropos são redobrados por mim. É óptimo trabalhar, quer com a Cátia, quer com a Mafalda Tavares. Elas são diferentes e, portanto, para mim, dias diferentes são também representações diferentes o que é óptimo porque dentro das mesmas palavras e acções, faço coisas diferentes. A Cátia tem uma maturidade diferente da Mafalda, o que é normal devido à diferença de idades. A Mafalda encanta-me porque quando estou para a conquistar ela é mesmo uma miúda e é isso que pede o papel. Faz-me sentir também um miúdo, que é também o que me pede o meu papel. A Cátia tem os pés mais assentes na terra, também é muito disciplinada e concentrada e já aconteceu trocarmos opiniões sobre o que fazemos. Nesse aspecto, também é muito gratificante trabalhar com ela. Ao irmos para Lisboa, entre as dúvidas todas que o senhor Filipe pudesse ter, se calhar ver-nos a representar aos dois foi bem mais fácil para lhe dar uma luz.

"Nunca tive qualquer apoio autárquico"

Quer queira quer não, vai ser uma pessoa em destaque no panorama artístico nacional. Acha que isso pode entusiasmar quer o poder político, quer as instituições, quer os jovens de Amarante a apostarem no teatro?

RA - Eu queria acreditar que sim. Nunca tive qualquer apoio autárquico. Desde os meus oito anos, quando comecei a participar em festivais e a representar Amarante (porque eu sempre disse que era de Amarante), via outras crianças como eu, a terem apoio por parte das Câmaras. E se aqui é difícil, então em Amarante muita coisa tem sido perdida na área do teatro. Se o meu papel representasse uma viragem, para mim seria muito gratificante porque eu adoro a minha terra e gostava mesmo que Amarante fosse mais feliz.

Já a Cátia vive num concelho que, segundo consta, nos últimos anos tem apostado

o senhor Filipe la Féria conseguiu habituar as pessoas a saírem de casa, depois de jantar, com a família para irem ao teatro. O Porto ficou mais rico porque há ali um centro muito grande de cultura e interesse. Esse feito é muito bonito



Filipe La Féria, inclusive os de Lisboa, confessaram que o público do Porto é incomparavelmente mais carinhoso e mais apoiante dos artistas do que o de Lisboa. Mas a Cátia diz que o bom é estar em Lisboa. Porquê?

CT: Eu na verdade só conheço o público do Porto, como espectador. Não faço a menor ideia de como é o público de Lisboa. Talvez daí venha a minha admiração porque, de Lisboa, apenas conheço a minha equipa da novela e os meus amigos. Em termos de público, eu ainda não posso dizer que prefiro o do Porto porque ainda não conheço o de Lisboa.

RA: Aida para Lisboa vai ser, para mim, o mais difícil. Eu sou muito saudosista. Tenho cá a minha família, a minha namorada e todas as pessoas que me acarinham. Há muita coisa que me vai fazer sentir muitas saudades, para além dessa saudade do povo do Porto, que não tenho a mínima dúvida de que é muito mais receptivo. Já fiz alguns espectáculos na zona sul e não tenho essa dúvida. Nós, gente do Norte, somos outros. Quando chega a altura de receber, somos os melhores nisso. Se me fosse possível esquecer a minha família, a minha namorada e tudo aquilo que deixo ficar, tudo seria muito mais fácil. Isso para mim é o maior problema e já está a ser.

A namorada também é da área do teatro?

RA: Não. Ela vai ser enfermeira, em breve.

E gosta de o ver em palco?

RA: sem dúvida que sim. É complicado compreender a vida de um artista de teatro. Mas ela entende. Quando eu chegar a uma idade mais avançada, posso não ter as oportunidades que me estão a surgir agora. Eu tenho que as agarrar agora ou posso perdê-las para sempre. Por isso, ela entende-me, compreende-me e apoia-me. Mas não deixa de ser complicado para os dois, também para mim mesmo que eu esteja a fazer aquilo de que gosto.

E namorado?

CT: Não tenho.

Oficialmente?

CT: Sim.

miúdas que não tinham mais de 14 anos sempre a olhar para mim e a insistirem uma com a outra sobre se seria mesmo eu. Até que eu saí e uma delas saiu também, dirigiu-se a mim e só me perguntou: "És tu não és?" e eu, surpreendido, respondi: "Sou". E ela lá me pediu um autógrafa. Uma outra história passou-se perto da minha terra Amarante, na Lixa. Estacionei o meu carro e já ia a alguns metros do carro quando me apercebo de alguém se aproximar dele. Deixaram-me um papel no pára-brisas que apenas dizia: "Da tua admiradora secreta". Até hoje não sei quem é.

CT: É muito giro que me conheçam, principalmente porque se passa com crianças. Eu acho imensa piada e gosto porque para elas é uma coisa estrondosa que eu lhes dê um sorriso. Ver uma criança com um sorriso nos lábios deixa-me muito feliz. Eu tenho a sorte de a minha personagem ser "boazinha". Como a minha personagem não é vilã, as crianças também empatizam mais comigo. Essa é a vantagem, embora o meu próximo desafio vá ser o oposto.

De partida para o sul mas... Porto no coração

Vai ser difícil abandonar o Norte em busca deste sonho ou sempre existiu uma intenção escondida em voltar a Lisboa?

CT: Sim, sempre houve a intenção de voltar a Lisboa porque eu gosto muito da cidade. Tenho a perfeita noção de que, em termos de trabalho, Lisboa é sempre Lisboa mesmo que o senhor Filipe tenha aberto uma porta enorme cá no Porto. Mas o centro de qualquer coisa continua em Lisboa. Os meus pais sempre me disseram para eu ficar com o meu cantinho, a minha casa lá em Lisboa.

Uma boa parte dos actores de

forte em divulgar a área cultural. Sente alguma coisa de diferente em Gaia nessa área?

CT - Eu estive ausente muito tempo...

Faz falta em Gaia uma casa como o Rivoli?

CT - Sim faz, muita.

Aconselharia o presidente de Câmara a pensar nisso?

CT - Claro, tudo o que tenha a ver com Cultura eu apoio sempre. Era importante trazerem mais espectáculos para cidade, senão as pessoas ficam um pouco limitadas nas suas escolhas. O nosso público está muito mal habituado. E o senhor Filipe la Féria conseguiu habituar as pessoas a saírem de casa, depois de jantar, com a família para irem ao teatro. O Porto ficou mais rico porque há ali um centro muito grande de cultura e interesse. Esse feito é muito bonito.

Popularidade

E o público em geral, passou a conhecer-vos na rua?

RA: É estranho mas já passaram cinco anos e há pessoas que ainda me reconhecem, mesmo depois de ter mudado o penteado e a cor do cabelo. Há pessoas que se recordam da minha cara e isso é ótimo. O que mais me custa é as pessoas passarem por mim, apontarem e mais nada. Eu prefiro que as pessoas venham ter comigo e me digam que gostaram ou não gostaram da minha prestação. Eu gosto muito de lidar com o público. Isso é a prova que nós temos do reconhecimento que o público tem por nós.

Já viveu alguma situação engraçada com os fãs?

RA: Uma vez vinha embora da faculdade, de autocarro, e vinha em pé como muitas outras pessoas. No autocarro estavam duas



TEATRO RIVOLI DO PORTO

"Alice no País das Maravilhas"

Paralelamente ao grande sucesso de Filipe La Féria "Um Violino no Telhado" que já atingiu os 52.500 espectadores numa carreira que esgota diariamente o Teatro Rivoli, estreia no próximo Domingo, dia 14 de Setembro, "Alice no País das Maravilhas", um espectáculo dedicado ao público mais jovem e aos estabelecimentos de ensino.

Baseado na obra de Lewis Carroll, La Féria realizou um espectáculo mágico que obteve o aplauso unânime no Teatro Politeama em Lisboa, sendo visto por milhares de crianças. É agora a vez dos jovens espectadores do Norte terem a oportunidade de se encantarem com as aventuras de Alice no seu reino de fantasia e sonho. "Alice no País das Maravilhas"

é interpretado por actores, cantores e bailarinos exclusivamente do Norte: Sissi Martins, Mirrô Pereira, Rogério Posto, Ruben Madureira, Bruna Andrade, Nuno Martins, Pedro Xavier, Inês Soares, Ana Isabel Ribeiro, Fernanda Rios e Constantino Dias interpretam as principais personagens de "Alice no País das Maravilhas": coelhos que falam, lagartas que fumam, espelhos que reflectem inesperadas imagens. Um mundo fantástico, onde reina a terrível Rainha de Espadas e a imaginação delirante da pequena e esperta Alice que consegue atravessar para o outro lado dos espelhos.

A estreia de "Alice no País das Maravilhas" reverterá a favor das crianças do Hospital Maria Pia da cidade do Porto.

